AS MIL E UMA NOITES

1a NOITE DAS ESPANTOSAS HISTÓRIAS DAS MIL E UMA NOITES O MERCADOR E O GÊNIO Disse ¸ahråzåd: conta-se, ó rei venturoso, de parecer bem orientado, que certo mercador vivia em próspera condição, com abundantes cabedais, dadivoso, proprietário de escravos e servos, de várias mulheres e filhos; em muitas terras ele investira, concedendo empréstimos ou contraindo dívidas. Em dada manhã, ele viajou para um desses países: montou um de seus animais, no qual pendurara um alforje com bolinhos e tâmaras que lhe serviriam como farnel, e partiu em viagem por dias e noites, e Deus já escrevera que ele chegaria bem e incólume à terra para onde rumava; resolveu ali seus negócios, ó rei venturoso, e retomou o caminho de volta para sua terra e seus parentes. Viajou por três dias; no quarto, como fizesse muito calor e aquele caminho inóspito e desértico[26] fervesse, e tendo avistado um oásis adiante, correu até lá a fim de se refrescar em suas sombras. Dirigiu-se para o pé de uma nogueira a cujo lado havia uma fonte de água corrente e ali se sentou, antes amarrando a montaria e pegando o alforje, do qual retirou o farnel: bolinhos e um pouco de tâmaras. Pôs-se a comer as tâmaras, jogando os caroços à direita e à esquerda, até que se saciou. Em seguida levantou-se, fez abluções e rezou.[27] Quando terminou os últimos gestos da prece, antes que ele se desse conta, aproximara-se um velho gênio cujos pés estavam na terra e cuja cabeça tocava as nuvens, empunhando uma espada desembainhada. O gênio se achegou, parou diante dele e disse: “Levante-se para que eu o mate com esta espada, do mesmo modo que você matou meu filho!”, e deu uns gritos com ele. Ao ver o gênio e ouvir-lhe as palavras, o mercador ficou atemorizado e, invadido pelo pânico, disse: “E por qual crime vai me matar, meu senhor?”. O gênio respondeu: “Pelo crime de ter matado o meu filho”. O mercador perguntou: “E quem matou o seu filho?”. Respondeu o gênio: “Você matou o meu filho”. Perguntou o mercador: “Por Deus que eu não matei o seu filho! Quando e como isso se deu?”. O gênio respondeu: “Não foi você que estava aqui sentado, e que tirou tâmaras da mochila, pondo-se a comê-las e a jogar os caroços à direita e à esquerda?”. O mercador respondeu: “Sim, eu fiz isso”. O gênio disse: “Foi assim que você matou o meu filho, pois, quando começou a jogar os caroços à direita e à esquerda, meu filho começara logo antes a caminhar por aqui,[28] e então um caroço o atingiu e o matou. Agora, me é absolutamente imperioso matar você”. O mercador disse: “Não faça isso, meu senhor!”. Respondeu o gênio: “É imperioso que eu o mate, assim como você matou o meu filho. A morte se paga com a morte”. O mercador disse: “A Deus pertencemos e a ele retornaremos; não há poderio nem força senão em Deus altíssimo e poderoso. Se eu de fato o matei, não foi senão por equívoco de minha parte. Eu lhe peço que me perdoe”. O gênio respondeu: “Por Deus que é absolutamente imperioso matá-lo, do mesmo modo que você matou meu filho”, e, puxando-o, atirou-o ao chão e ergueu a espada para golpeá-lo. O mercador chorou, lamentou-se por seus familiares, esposa[29] e filhos. Enquanto a espada estava erguida, o mercador chorou até molhar as roupas e disse: “Não há poderio nem força senão em Deus altíssimo e poderoso”, e recitou os seguintes versos: “O tempo é composto de dois dias, um seguro, outro ameaçador, e a vida é composta de duas partes, uma pura, outra turva. Pergunte a quem urdiu as idas e vindas do tempo: será que o tempo só maltrata a quem tem importância? Acaso não se vê que a ventania, ao formar as tempestades, não atinge senão as árvores de altas copas? De tantas plantas verdes e secas existentes sobre a terra, somente se apedrejam aquelas que têm frutas; nos céus existem incontáveis estrelas, mas em eclipse só entram o sol e a lua. Pois é, você pensa bem dos dias quando tudo vai bem, e não teme as reviravoltas que o destino reserva; nas noites você passa bem, e com elas se ilude, mas no sossego da noite é que sucede a torpeza.” Quando o mercador encerrou o choro e os versos, o gênio disse: “Por Deus que é imperioso matá-lo, mesmo que chore sangue, assim como você matou meu filho”. O mercador perguntou: “É absolutamente imperioso para você?”. Respondeu o gênio: “Para mim é imperioso”. E tornou a erguer a espada para golpeá-lo. Então a aurora alcançou ¸ahråzåd e ela parou de falar. A mente do rei ¸åhriyår ficou ocupada com o restante da história e, nessa primeira manhã, D∑nårzåd disse à irmã: “Como são belas e espantosas as suas histórias!”. Respondeu ¸ahråzåd: “Isso não é nada perto do que vou contar na próxima noite, caso eu viva e caso este rei me poupe. A continuação da história é melhor e mais espantosa do que o relato de hoje”. E o rei pensou: “Por Deus que eu não a matarei até escutar o restante da história. Mas na próxima noite eu a matarei”. Depois, quando bem amanheceu, o dia clareando e o sol raiando, o rei se levantou e foi cuidar de seu reino e de suas deliberações. O vizir, pai de ¸ahråzåd, ficou admirado e contente com aquilo. E o rei ¸åhriyår ficou distribuindo ordens e julgando os casos apresentados até o cair da noite, quando entrou em casa e se dirigiu para a cama acompanhado por ¸ahråzåd. D∑nårzåd disse à irmã: “Por Deus, maninha, se acaso você não estiver dormindo, conte-me uma de suas belas historinhas para que possamos atravessar acordados esta noite”. E o rei disse: “Que seja a conclusão da história do gênio e do mercador, pois meu coração está ocupado com ela”. Ela disse: “Com muito gosto, honra e orgulho, ó rei venturoso”.

2a NOITE DAS ESPANTOSAS HISTÓRIAS DAS MIL E UMA NOITES Disse ¸ahråzåd: Conta-se, ó rei venturoso e de correto parecer, que, quando o gênio ergueu a mão com a espada, o mercador lhe disse: “Ó criatura sobre-humana, é mesmo imperioso me matar?”. Respondeu: “Sim”. Disse o mercador: “E por que você não me concede um prazo para que eu possa despedir-me de minha família, de meus filhos e de minha esposa, dividir minha herança entre eles e fazer as disposições finais? Em seguida, retornarei para que você me mate”. Disse o ifrit: “Temo que, caso eu o solte e lhe conceda um prazo, você vá fazer o que precisa e não regresse mais”. O mercador disse: “Eu lhe juro por minha honra; eu prometo e convoco o testemunho do Deus dos céus e da terra que eu voltarei para você”. O gênio perguntou: “E de quanto é o prazo?”. Respondeu o mercador: “Um ano, para que eu me sacie de ver meus filhos, possa despedir-me de minha mulher e resgatar alguns títulos; retornarei no início do ano”. O gênio disse: “Deus é testemunha do que você está jurando: se eu soltá-lo, voltará no início do ano”. O mercador respondeu: “Invoco a Deus por testemunha do que estou jurando”. E quando ele jurou, o gênio soltou-o. Triste, o mercador subiu na montaria e tomou o caminho de casa. Avançou até chegar à sua cidade; entrou em casa, encontrando os filhos e a esposa. Ao vê-los, foi tomado pelo choro com lágrimas abundantes, demonstrando aflição e tristeza. Todos estranharam aquele seu estado, e sua esposa lhe perguntou: “O que você tem, homem? Que choro é esse? Nós hoje estamos felizes, num dia de júbilo por sua volta. Que luto é esse?”. Ele respondeu: “E como não estar de luto se só me resta um ano de vida?”, e a colocou a par do que se passara entre ele e o gênio durante a viagem, informando a todos que ele jurara ao gênio que regressaria no início do ano para que este o matasse. Disse o autor: ao lhe ouvirem as palavras, todos choraram. A esposa começou a bater no próprio rosto e a arrancar os cabelos; as meninas, a gritar; e os pequenos, a chorar. O luto se instalou, e durante o dia inteiro as crianças choraram em redor do pai, que passou a dar e a receber adeus. No dia seguinte, ele iniciou a partilha da herança e se pôs a ditar recomendações, a quitar seus compromissos com os outros, e a fazer concessões, doações e distribuição de esmolas. Convocou recitadores para que recitassem versículos religiosos pelo seu passamento, chamou testemunhas idôneas, libertou servas e escravos, pagou os direitos dos seus filhos mais velhos, fez recomendações quanto aos seus filhos mais novos e quitou os direitos de sua esposa. E permaneceu junto aos seus até que não faltassem para o ano-novo senão os dias do caminho a ser percorrido, quando então se levantou, fez abluções, rezou, recolheu sua mortalha e despediu-se da família; os filhos se penduraram em seu pescoço, as meninas choraram ao seu redor e sua esposa gritou. O choro deles fez-lhe o coração fraquejar, e seus olhos verteram lágrimas copiosas. Pôs-se a beijar freneticamente os filhos, a abraçá-los e a despedir-se deles; disse: “Meus filhos, esta é a decisão de Deus; tais são seus desígnios e decretos. E o homem, afinal, não foi criado senão para a morte”. E, dando um último adeus, deixou-os, subiu em sua montaria e avançou por dias e noites seguidos até chegar ao oásis em que encontrara o gênio, exatamente no dia de ano-novo. Sentou-se no mesmo lugar onde comera as tâmaras e começou a esperar pelo gênio, com os olhos marejados e o coração triste. Em meio a essa espera, eis que passou por ele um velho xeique que puxava uma gazela pela corrente. Aproximou-se e saudou o mercador, que lhe retribuiu a saudação. O xeique perguntou: “Por que motivo você está aqui, meu irmão, neste lugar que é moradia de gênios rebeldes e de filhos de demônios? Eles tanto assombram este lugar[30] que quem aqui adentra nunca prospera”. Então o mercador contou tudo o que lhe sucedera com o gênio, do início ao fim, e o velho xeique, espantado com a fidelidade do mercador aos seus compromissos, disse: “Você de fato leva muito a sério e cumpre as suas juras”. E, sentando-se ao seu lado, ajuntou: “Por Deus que não me moverei daqui até ver o que lhe ocorrerá com o gênio”. Assim sentado a seu lado, pôs-se a conversar com ele. Enquanto ambos estavam nessa conversa, eis que... Então a aurora alcançou ¸ahråzåd e ela parou de falar. E, como bem amanhecesse e o dia clareasse,[31] sua irmã D∑nårzåd disse: “Como é admirável e espantosa a sua história!”. Ela respondeu: “Na próxima noite eu irei contar-lhes algo mais espantoso e admirável do que isso”.

3a NOITE DAS ESPANTOSAS HISTÓRIAS DAS MIL E UMA NOITES Na noite seguinte, D∑nårzåd disse à irmã ¸ahråzåd quando esta foi para a cama com o rei ¸åhriyår: “Por Deus, maninha, se você não estiver dormindo, conte-nos uma de suas belas historinhas para que atravessemos o serão desta noite”. O rei disse: “Que seja o restante da história do mercador”. Ela disse: “Sim”. Eu tive notícia, ó rei venturoso, de que o mercador estava sentado conversando com o velho da gazela quando surgiu um segundo velho xeique, conduzindo dois cachorros de caça pretos. Foi avançando e, ao se aproximar deles, saudou-os e eles retribuíram a saudação. Então ele os inquiriu sobre sua situação, e o xeique da gazela lhe contou a história das ocorrências entre o mercador e o gênio: “Este mercador prometeu ao gênio que regressaria no ano-novo para que o matasse, e ele agora, de fato, espera-o para que o mate. Eu me encontrei aqui com ele, ouvi sua história e jurei que não me moveria deste lugar até ver o que sucederá entre ele e o gênio”. Disse o autor: quando o xeique dos dois cachorros ouviu aquilo, ficou assombrado e jurou que tampouco ele se moveria dali: “Quero ver o que se sucederá entre eles”. E pediu ao mercador que ele próprio contasse sua história, e este lhe contou o que lhe acontecera com o gênio. Enquanto estavam nessa conversa, eis que surgiu um terceiro velho xeique, que os saudou e a cuja saudação eles responderam. E ele perguntou: “Por que motivo os vejo, ó xeiques, aqui sentados, e por que vejo este mercador sentado entre vocês dois, triste, amargurado e carregando vestígios de humilhação?”. Então os dois xeiques lhe contaram a história do mercador, e acrescentaram que ambos estavam ali sentados a fim de ver “o que sucederá a este jovem”. Ao ouvir o relato, o terceiro xeique sentou-se entre eles e disse: “Por Deus que eu tampouco me moverei daqui até ver o que sucederá entre ele e o gênio; eu lhes farei companhia”. E começaram a conversar, mas não se passou muito tempo e eis que uma poeira se levantou no coração do deserto, e quando ela se dispersou o gênio surgiu carregando na mão uma espada de aço desembainhada. Dirigiu-se até eles e não saudou a ninguém. Assim que chegou perto, o gênio puxou o mercador com a mão esquerda, colocando-o rapidamente diante de si, e disse: “Venha para que eu o mate”. O mercador chorou, e choraram os três xeiques, um choro desesperado que logo se transformou em gritos de lamento. Irrompendo, a aurora alcançou ¸ahråzåd, que se calou e interrompeu a história. Disse-lhe sua irmã D∑nårzåd: “Como é bela a sua história, maninha”. Ela respondeu: “Isso não é nada perto da história que vou lhes contar na noite seguinte, e que é mais bela, mais espantosa, mais agradável, mais emocionante, mais saborosa e mais atraente do que a de hoje – isso se o rei me preservar e não me matar”. Com a mente ansiosa por ouvir a continuação da história, o rei pensou: “Por Deus que não irei matá-la até ouvir o restante da história e o que ocorreu ao mercador com o gênio; depois de saber isso, irei matá-la na noite seguinte, conforme já fiz com as outras”. E logo saiu para cuidar de seu reino e tomar suas decisões; voltando-se para o pai de ¸ahråzåd, aproximou-o e ficou a seu lado. O vizir ficou intrigado. E o rei ficou nisso até que anoiteceu, quando então ele adentrou seus aposentos e se dirigiu para a cama junto com ¸ahråzåd. Disse D∑nårzåd: “Se você não estiver dormindo, maninha, conte-nos uma de suas belas histórias para que atravessemos o serão desta noite”. Respondeu ¸ahråzåd: “Com muito gosto e honra”.

4a NOITE DA NARRATIVA DAS MIL E UMA NOITES Disse ¸ahråzåd: Conta-se, ó rei venturoso, que quando o gênio agarrou o mercador, o primeiro xeique, o da gazela, avançou até ele, beijou-lhe as mãos e os pés e disse: “Ó demônio, ó coroa do rei dos gênios, se eu lhe contar minha história e lhe relatar o que me sucedeu com esta gazela, e se acaso você considerar tais sucessos admiráveis e espantosos, mais admiráveis do que a sua história com este mercador, você me concederá um terço do crime por ele cometido e da culpa em que incorreu?”. O gênio respondeu: “Sim”. Então o xeique da gazela disse: O PRIMEIRO XEIQUE Saiba, ó gênio, que esta gazela é minha prima, carne de minha carne e sangue do meu sangue; e também minha esposa desde a nossa primeira juventude: ela tinha doze anos, e não cresceu senão em minha casa. Vivi com ela trinta anos, mas, como não fui agraciado com um único descendente, nem macho, nem fêmea – embora ela nunca ao menos engravidasse, eu sempre a tratei muito bem, ao longo desses trinta anos, servindo-a e dignificando-a –, arranjei uma segunda esposa que logo me premiou com um menino macho que parecia uma fatia brilhante da lua. Minha prima foi tomada por ciúmes da segunda esposa e do filho que me dera – o qual cresceu e atingiu a idade de dez anos. Foi então que me vi obrigado a sair em viagem, e por isso recomendei a segunda esposa e o menino a esta minha prima; só parti depois de reforçar as recomendações. Ausentei-me por um ano inteiro, período durante o qual minha prima se aproveitou para aprender adivinhação e feitiçaria. Depois de ter aprendido, ela pegou meu filho e o enfeitiçou, transformando-o num bezerro; em seguida, mandou chamar o pastor que trabalhava para mim e lhe entregou o bezerro, dizendo: “Ponha-o para pastar junto com o rebanho bovino”. O pastor recebeu-o e ficou com ele por algum tempo. Depois, ela enfeitiçou a mãe do menino, transformando-a em vaca, e também entregando-a ao pastor. Após esses eventos, eu enfim retornei e, quando indaguei a respeito da segunda esposa e do filho, minha prima respondeu: “Sua segunda esposa morreu e seu filho fugiu há dois meses. Não tive mais notícias dele”. Ao ouvir tais palavras, meu coração começou a pegar fogo por causa do menino, e me entristeci por minha segunda esposa. Chorei o desaparecimento do menino durante cerca de um ano. Logo chegou a época da Grande Festividade de Deus.[32] Mandei chamar o pastor e lhe determinei que me trouxessem uma vaca nédia para que eu a imolasse, e ele trouxe a que era minha segunda esposa enfeitiçada. Logo que a amarrei e me debrucei sobre ela a fim de degolá-la, a vaca chorou e gritou “Filhu, filhu”, e lágrimas lhe escorreram pelas faces. Atônito e tomado de piedade pela vaca, larguei-a e disse ao pastor: “Traga-me outra”, mas minha prima berrou: “Degole-a, pois ele não dispõe de nenhuma vaca melhor nem mais gorda. Deixe-nos comer de sua carne neste feriado”. Tornei a aproximar-me para degolá-la, e de novo ela gritou “Filhu, filhu”. Afastei-me dela e disse ao pastor: “Degole-a por mim”, e ele a degolou e cortou, mas ela não continha carne nem gordura, somente pele e ossos. Arrependi-me de tê-la degolado e disse ao pastor: “Leve-a todinha e dê como esmola a quem você achar melhor, e procure para mim entre as vacas um bezerro gordo”. E o pastor recolheu-a e saiu; não sei o que fez com os restos. E logo me trouxe meu filho, sangue do meu fígado, metamorfoseado em gordo bezerro. Ao me ver, meu filho rompeu as amarras do pescoço, correu até mim, jogou-se aos meus pés e esfregou o rosto em mim. Espantado, fui acometido pela piedade, misericórdia e afeto paterno: por algum secreto desígnio divino, meu sangue se compadeceu do dele, que também era meu; minhas entranhas entraram em convulsão quando vi as lágrimas de meu filho bezerro escorrendo-lhe sobre as faces, enquanto ele arranhava o chão com as patas dianteiras. Deixei-o, pois, e disse ao pastor: “Ponha este bezerro entre o gado e trate-o bem; estou poupando-o; traga-me outro”. Mas minha prima, esta gazela, berrou: “E por que não sacrificamos este bezerro?”. Irritado, respondi: “Eu lhe obedeci na questão da vaca e a sacrifiquei, mas não obtivemos nenhum benefício. Agora, não vou lhe obedecer sacrificando este bezerro. Eu o poupei do sacrifício”. Mas ela insistiu, dizendo: “É absolutamente imperioso sacrificar este bezerro”. Então eu tomei da faca e amarrei o bezerro. E a manhã irrompeu e alcançou ¸ahråzåd, que parou de falar. A mente do rei ficou ocupada com o restante da história. E a irmã D∑nårzåd disse: “Como é agradável a sua história, maninha”. Ela respondeu: “Na próxima noite eu lhes contarei uma história mais agradável do que essa, e também mais admirável e espantosa, isso se eu viver e se o rei me preservar e não me matar”.

5a NOITE DA NARRATIVA DAS MIL E UMA NOITES Na noite seguinte, D∑nårzåd pediu à sua irmã ¸ahråzåd: “Por Deus, maninha, se você não estiver dormindo, conte-nos uma de suas historinhas”. Ela respondeu: “Com muito gosto e honra”. Eu fui informada, ó rei estimado, que o primeiro xeique, o da gazela, disse ao gênio e ao grupo todo: Então eu tomei da faca tencionando matar meu filho, mas ele gritou, chorou, esfregou-se em meus pés e pôs a língua para fora, apontando-a para mim. Fiquei chocado[33] com aquilo; meu coração estremeceu e se encheu de ternura por ele; soltei-o e disse à minha mulher: “Cuide dele, pois eu agora o deixo livre”. Em seguida, pus-me a consolar minha esposa, esta gazela, e tantos agrados lhe fiz que ela concordou em sacrificar outro animal, sob a promessa de sacrificar o menino no feriado seguinte. E dormimos naquela noite. Quando Deus fez amanhecer a manhã, o pastor veio até mim, às escondidas de minha esposa, e disse: “Patrão, eu lhe darei uma boa notícia mas quero o crédito para mim”. Eu respondi: “Dê a notícia e terá o crédito”. Ele disse: “Meu senhor, eu tenho uma filha muito ligada às atividades de adivinhação, magia, feitiços e esconjuros. Ontem à noite, quando entrei em casa com o bezerro que o senhor resolveu poupar a fim de reuni-lo pela manhã ao restante do rebanho, minha filha olhou para ele, sorriu e chorou. Eu lhe perguntei então: ‘Quais os motivos do riso e do choro?’. Ela respondeu: ‘O motivo do riso é que este bezerro é filho do nosso mestre, o proprietário dos animais. Ele foi enfeitiçado pela esposa do pai; eis por que ri. Agora, quanto ao motivo do choro, ele se deve à mãe dele, que foi sacrificada pelo próprio pai’. Assim, mal pude esperar até que a alvorada irrompesse para vir dar-lhe esta alvissareira notícia sobre o seu filho”. Ao ouvir tais palavras, ó gênio, gritei e desmaiei, mas logo acordei e caminhei com o pastor até chegar à sua casa; ao me ver diante do meu filho, atirei-me sobre ele beijando-o e chorando. Ele me encarou, as lágrimas a escorrer-lhe abundantes pelas faces, e me mostrou a língua, sinalizando “veja o meu estado”. Voltei-me para a filha do pastor e perguntei: “Você conseguiria livrá-lo disso? Eu lhe darei todo o dinheiro e todos os animais que possuo”. Ela sorriu e disse: “Meu amo, não desejo seu dinheiro, nem suas dádivas, nem seu rebanho. Porém, não o livrarei disso senão com duas condições: a primeira é que o senhor me case com ele, e a segunda é que eu possa enfeitiçar a pessoa que o enfeitiçou e prendê-la a fim de me assegurar contra os malefícios dela”. Respondi: “Você terá tudo isso e mais ainda. O dinheiro é seu e de meu filho. Quanto à minha prima, que fez essas coisas com meu filho e ordenou que eu sacrificasse a mãe dele, minha segunda esposa, o sangue dela lhe é lícito”. A moça respondeu: “Não, só quero fazê-la provar o que ela fez aos outros”. Em seguida, a filha do pastor encheu uma taça de água, fez nela esconjuros e preces e disse ao meu filho: “Ó bezerro, se esta for a forma que lhe deu o Poderoso Vitorioso, não mude; porém, se estiver enfeitiçado e atraiçoado, então deixe essa forma e retome a sua forma humana, com a permissão do Criador de todas as criaturas”, e imediatamente lançou sobre o bezerro a água da taça, e eis que ele se sacudiu todo e virou um ser humano tal e qual era, e isso depois de ter sido um bezerro. Não pude conter-me e me atirei sobre ele desmaiado. Quando acordamos, ele me relatou o que minha prima, esta gazela aqui, fizera com ele e com sua mãe. Eu disse: “Meu filho, Deus colocou em nosso destino alguém que vai trazer justiça para você, para sua mãe e para mim”. E então eu o casei, ó gênio, com a filha do pastor, a qual ficou matutando até que enfim enfeitiçou minha prima, transformando-a nesta gazela. E me disse: “Essa é uma bela forma, e ela poderá continuar fazendo-nos companhia e nos divertindo, pois é melhor que seja bela, a fim de que não a consideremos agourenta nem nos aborreçamos de vê-la”. E a filha do pastor permaneceu conosco por muitos dias, meses e anos, mas depois morreu, e então o meu filho viajou para a terra deste rapaz com quem você teve o entrevero. Eu saí para achar alguma notícia do meu filho e trouxe comigo minha prima, que é esta gazela, e acabei chegando até aqui. Eis aí a minha história: não é admirável e insólita? O gênio respondeu: “Eu lhe concedo um terço da vida do mercador”. Nesse momento, ó rei ¸åhriyår, avançou até o gênio o segundo xeique, o dos dois cachorros pretos, e disse: “Eu também lhe contarei o que sucedeu a estes dois cachorros. Você vai ver que minha história é mais admirável do que a desse aí, e também mais insólita. Se eu lhe contar você me concederá um terço da vida do mercador?”. O gênio respondeu: “Sim”. Então o segundo xeique avançou mais e, começando sua fala, disse... Então a aurora irrompeu e alcançou ¸ahråzåd, que parou de falar. Sua irmã disse: “Essa história é admirável”. Respondeu ¸ahråzåd: “Isso não é nada perto do que lhes contarei na noite seguinte, se eu viver e o rei me preservar”. O rei pensou: “Por Deus que não a matarei até ouvir o que ocorreu ao xeique dos dois cachorros pretos, mas depois disso eu a matarei, não a deixarei viver, se Deus altíssimo quiser”.

6a NOITE DAS INSÓLITAS NARRATIVAS DAS MIL E UMA NOITES Na noite seguinte, ¸ahråzåd foi com o rei ¸åhriyår para a cama. Sua irmã D∑nårzåd disse: “Maninha, se você não estiver dormindo, conte-nos uma historinha, conclua aquela história de ontem”. Ela respondeu: “Com muito gosto e honra”. Eu fui informada, ó rei venturoso, que o segundo xeique, o dos dois cachorros pretos, disse: O SEGUNDO XEIQUE Ó gênio, eis o que vou contar, eis a minha história detalhada: estes dois cachorros são meus irmãos. Éramos três irmãos homens cujo pai morreu e nos deixou três mil dinares.[34] Eu abri uma loja na qual vendia e comprava, e também meus irmãos cada qual abriu uma loja. Mas isso não durou muito tempo, e logo o meu irmão mais velho, que é um destes cachorros, vendeu sua loja com todos os bens por mil dinares, comprou mercadorias, arranjou uma caravana e se aprontou para viajar, ausentando-se de nossas vistas por um ano inteiro. Findo esse ano, estava eu certo dia diante de minha loja quando parou diante de mim um mendigo, ao qual eu disse: “Que Deus ajude”. Ele me perguntou, chorando: “Você já não me reconhece?”. Então eu reparei com atenção e eis que era o meu irmão! Levantei-me, abracei-o e, entrando com ele na loja, indaguei-o sobre o lamentável estado em que se encontrava. Ele respondeu: “Nem me pergunte: o dinheiro acabou e a situação desandou”.[35] Levei-o ao banho, dei-lhe uma de minhas roupas e trouxe-o para casa. Fiz minhas contas e as da loja, constatando que eu tivera um ganho de mil dinares: meu capital se tornara dois mil dinares. Dividi-os entre mim e meu irmão e lhe disse: “Considere que você nunca viajou nem se ausentou”. E ele, muito contente, pegou os mil dinares e abriu para si uma loja. E assim ficamos por dias e noites, até que meu segundo irmão, que é este outro cachorro aqui, vendeu tudo o que possuía, reuniu o dinheiro e planejou viajar. Tentamos impedi-lo mas ele não nos obedeceu: negociou, comprou muitas mercadorias e viajou com outros mercadores, ausentando-se de nossas vistas por um ano inteiro. Depois ele regressou no mesmo estado do irmão mais velho. Eu lhe perguntei: “Meu irmão, eu não lhe sugerira que não viajasse?”. Ele chorou e respondeu: “Meu irmão, é assim que as coisas estavam predestinadas a ser. Eis-me aqui pobre, sem um único centavo, nu, sem sequer uma camisa”. Peguei-o, ó gênio, levei-o ao banho, dei-lhe um de meus trajes, novo, completo, para vestir, trouxe-o para minha loja, fizemos uma refeição juntos e então eu lhe disse: “Meu irmão, anualmente eu efetuo as contas da loja e do meu capital. Quanto ao capital, eu de qualquer modo irei resguardá-lo, mas o lucro, qualquer que tenha sido, irei reparti-lo entre mim e você”. Em seguida, fiz as contas da loja e calculei meus ganhos, verificando que eram de dois mil dinares. Agradeci a Deus altíssimo e, exultante de felicidade, dividi esse dinheiro entre mim e meu irmão, dando-lhe mil dinares e reservando para mim os outros mil. Com esse valor, ele abriu uma loja e assim ficamos todos nós durante vários dias. Depois, contudo, meus irmãos passaram a me assediar para que eu viajasse com eles, mas não o fiz e questionei-os: “E o que vocês ganharam com suas viagens para que eu queira ganhá-lo também?”. E não lhes dei ouvidos. Mantivemo-nos em nossas lojas vendendo e comprando, embora eles, todo ano, voltassem a falar em viagem, sem que eu aceitasse. Até que se passaram seis anos, quando então concedi quanto à viagem com eles. Disse: “Meus irmãos, nós enfim viajaremos juntos. De quanto dinheiro vocês dispõem?”. Constatei que eles tinham dilapidado tudo quanto possuíam em comida, bebida e outras coisas. Não lhes disse palavra a respeito nem os censurei. Fiz as contas do meu dinheiro, ajuntei e vendi tudo o que possuía na loja, auferindo seis mil dinares. Fiquei contente e dividi o dinheiro em duas partes iguais. Disse: “Estes três mil dinares serão nossos, e com eles iremos negociar e viajar; e estes outros três mil, iremos enterrá-los sob a terra, para a eventualidade de que me ocorra o mesmo que lhes ocorreu; nesse caso, sempre poderemos retornar e, com estes três mil dinares, reabrir cada um a sua loja”. Eles disseram: “Esse é o melhor parecer”. E assim dividi o meu dinheiro, ó gênio: recolhi e enterrei três mil dinares, e dos outros três mil dei a cada um de meus irmãos mil dinares e fiquei com mil dinares. Fechei a loja e compramos mercadorias e produtos, alugando a seguir um grande navio e transportando nossas coisas para o mar; munimo-nos de provisões e viajamos por dias e noites, durante cerca de um mês. E a aurora alcançou ¸ahråzåd, que parou de falar. Sua irmã D∑nårzåd lhe disse: “Como é bela a sua história, maninha”. Ela respondeu: “Na próxima noite, caso eu fique viva, irei contar-lhes algo mais belo, extraordinário e maravilhoso, se Deus altíssimo quiser”.

7a NOITE DAS NARRATIVAS E MARAVILHAS DAS MIL E UMA NOITES Na noite seguinte, D∑nårzåd disse à sua irmã ¸ahråzåd: “Por Deus, maninha, se você não estiver dormindo, conte-nos uma historinha”. O rei disse: “Que seja o restante da história do mercador e do gênio”. Ela disse: “Com muito gosto, honra e orgulho”. Fui informada, ó rei venturoso, que o segundo xeique disse ao gênio: Então viajamos eu e estes dois cachorros que são meus irmãos durante cerca de um mês pelo mar salgado, chegando a uma cidade na qual adentramos e vendemos nossas mercadorias; obtivemos um lucro de dez dinares para cada dinar aplicado. Compramos outras mercadorias. Quando me dispunha a seguir viagem, encontrei na praia uma jovem vestida em andrajos que me beijou as mãos e disse: “Meu senhor, aceite praticar uma graça e mercê, e acredite que eu o recompensarei por elas”. Respondi: “Aceito fazer a mercê e você não precisa me recompensar por nada”. Ela disse: “Case-se comigo, vista-me e leve-me consigo para a sua terra nesse navio. Serei sua esposa. Estou me doando a você, e assim me fará graça e mercê pelas quais eu o recompensarei se Deus altíssimo quiser. Não se iluda com esta minha situação nem com a minha miséria”. Ao ouvir as suas palavras, meu coração se enterneceu, e isso graças ao que Deus altíssimo desejava para mim. Eu disse a ela: “Sim”, e, recolhendo-a, dei-lhe uma luxuosa vestimenta, casei-me oficialmente com ela e embarcamos juntos no navio, onde eu lhe preparei um aposento e a recebi. Viajamos por dias e noites e meu coração se afeiçoou pela jovem, junto à qual comecei a passar minhas noites e meus dias, afastando-me de meus irmãos. Quanto aos meus irmãos, que são estes dois cachorros, ficaram enciumados de mim e, como já estivessem invejosos do meu dinheiro e da grande quantidade de mercadorias que eu possuía, cresceram os olhos para cima de todos os meus cabedais. Começaram a planejar minha morte, cuja efetivação o demônio adornou aos seus olhos. Traiçoeiramente, certa noite esperaram até que eu adormecesse ao lado de minha esposa e nos carregaram a ambos, lançando-nos ao mar. Acordamos e minha esposa transformou-se numa ifrita gênia; carregou-me e subiu aos ares comigo, levando-me até uma ilha. Quando amanheceu ela me disse: “Eis aí, homem, a recompensa que lhe dei salvando-o do afogamento. Saiba que faço parte daqueles que dizem ‘em nome de Deus’ e que, quando o vi na praia, meu coração se afeiçoou a você. Procurei-o vestindo aquelas roupas e lhe mostrei meu amor, que você aceitou. Agora, é absolutamente imperioso que eu mate os seus irmãos”. Ao ouvir-lhe o discurso, fiquei assombrado pelo modo como a relação se estabelecera entre nós, agradeci-lhe pelo que fizera e disse: “Quanto à morte dos meus irmãos, não, não quero ser como eles”, e contei-lhe o que sucedera entre nós do início ao fim. Quando soube de minha história com meus irmãos, a gênia ficou mais irritada ainda com eles e disse: “Agorinha mesmo vou voar até eles e afundar-lhes o navio, matando os dois sem dó”. Eu lhe disse: “Por Deus, não faça isso. O provérbio diz: ‘Faça o bem a quem errou’, e, de qualquer modo, eles são meus irmãos”. Com essa intervenção, consegui aplacar a sua cólera. E ela me carregou e voou tão alto comigo que desapareceu das vistas, e depois me depositou no telhado de minha casa. Desci, abri as portas, escavei e retirei o ouro que enterrara, saí e abri minha loja depois de ter saudado a todos no mercado. Quando voltei à noite para casa, encontrei estes dois cachorros amarrados no quintal. Assim que me viram vieram até mim, choraram e se enroscaram em meus pés. Atônito, mal me dei conta quando minha mulher disse: “Meu amo, estes são os seus irmãos”. Perguntei: “E quem fez isso com eles?”. Ela respondeu: “Enviei uma mensagem à minha irmã, que foi quem lhes fez isso. Eles não poderão livrar-se do feitiço senão depois de dez anos”. Em seguida ela me deixou, não sem antes me indicar onde morava. E agora, como já se passaram os dez anos, ia eu levando-os até ela para livrá-los do feitiço, quando encontrei este jovem e este xeique com a gazela. Perguntei-lhe como estava e ele me informou o que sucedera entre vocês. Não quis mexer-me daqui até saber o que se daria entre ele e você. Essa é minha narrativa. Que tal? Não é espantosa? O gênio respondeu: “Por Deus que é espantosa e insólita. Eu lhe concedo um terço do crime do mercador”. Então o terceiro xeique disse: “Ó gênio, não me deixe magoado: se eu lhe contar uma história insólita e espantosa, mais insólita e mais espantosa do que as duas precedentes, você me concederá um terço do crime do mercador?”. O gênio respondeu: “Sim”. E a aurora alcançou ¸ahråzåd, que parou de falar. Sua irmã disse: “Que espantosa é a sua história!”. Ela disse: “E o que falta é ainda mais espantoso”. O rei pensou: “Por Deus que não a matarei até ouvir o que sucedeu ao xeique e ao gênio, e depois a matarei, conforme fiz com as outras”.

8a NOITE DAS INSÓLITAS NARRATIVAS DAS MIL E UMA NOITES Na noite seguinte, D∑nårzåd disse à sua irmã ¸ahråzåd: “Por Deus, maninha, se você não estiver dormindo, conte-nos uma de suas belas historinhas para que possamos atravessar o serão desta noite”. Respondeu: “Com muito gosto, honra e orgulho”. Conta-se, ó rei venturoso, que o terceiro xeique contou ao gênio uma história mais espantosa e mais insólita do que as histórias precedentes.[36] O gênio ficou extremamente assombrado, estremeceu de emoção[37] e disse: “Eu lhe concedo um terço do crime do mercador”, e, entregando-o aos três xeiques, deixou-os e foi embora. O mercador, voltando-se para os xeiques, agradeceu-lhes muito, e eles o felicitaram por estar bem. Depois despediram-se dele e se dispersaram, cada qual retomando seu caminho. O mercador voltou para seu país e foi ter com seus familiares, sua esposa e seus filhos, e viveu com eles até a morte. [Prosseguiu ¸ahråzåd:] “Mas isto não é mais admirável nem mais espantoso do que a história do pescador”. Disse D∑nårzåd: “Por Deus, maninha, e qual é essa história?”. ¸ahråzåd disse: O PESCADOR E O GÊNIO Fui informada que certo pescador, já velho, entrado em anos, com uma esposa e três filhos,[38] era tão pobre que não conseguia prover seu sustento diário. Uma das práticas que ele seguia era lançar sua rede quatro vezes ao mar – era assim e somente assim que ele agia. De uma feita, ele saiu com a rede durante as chamadas para a prece da alvorada, a lua ainda visível, caminhou até os limites da cidade e chegou à praia, depôs sua cesta ao solo, arregaçou a túnica e avançou até o meio do mar, quando então lançou a rede, esperou que ela assentasse e começou a puxá-la, reunindo aos poucos os seus fios. Notando que ela estava pesada, puxou-a com força mas, como aquilo superasse suas forças, voltou à praia, fincou uma estaca na terra, nela amarrando a ponta da corda, retirou as roupas, ficando nu em pelo, e mergulhou na água, nadando em direção à rede. E tanto pelejou e remexeu a rede que conseguiu puxá-la para a praia, o que o deixou exultante de alegria. Quando a rede já estava em terra firme, ele vestiu as roupas, foi até ela e abriu-a, nela encontrando um burro morto cujo peso danificara a rede. Ao ver aquilo, triste e amargurado, ele disse: “Não há poderio nem força senão em Deus altíssimo e poderoso”. E continuou: “É espantoso que a minha parte na fortuna seja essa”. E enfim recitou: “Ó tu que enfrentas o escuro da noite e a morte, refreia teu ímpeto, pois a fortuna não depende da ação. Acaso não vês o mar e o pescador sempre em pé, à procura de fortuna, as estrelas da noite em sua órbita, e ele no meio do mar, golpeado pelas ondas, o

Anônimo. Livro das mil e uma noites – Volume 1 – Ramo sírio (Edição revista e atualizada) (pp. 55-73). Biblioteca Azul. Edição do Kindle.